

*‘a cidade é a nossa casa
alargada, da qual queremos
cuidar para que possamos,
todos, ter uma vida melhor’*

Durante as últimas décadas do século 20 um dos mantras do design apontava a necessidade de projetar objetos capazes de atender ao desejo das pessoas de se aninhar dentro de casa para se proteger de um mundo “lá fora” cada vez mais violento, hostil e perigoso. O fenômeno da valorização do espaço doméstico foi mundial e ganhou um termo em inglês para designá-lo: o cocooning, que remete ao aconchego do casulo.

O tempo atual aponta para uma nova direção. A população vem saindo às ruas desde o início de 2011 em várias cidades do mundo, numa onda de protestos contra o status quo. Da luta contra governos ditatoriais em alguns países à mobilização contra a ganância do setor financeiro ou do setor imobiliário em outros, marchas se espalharam por várias metrópoles, culminando em setembro daquele ano com a sua faceta mais icônica, a ocupação do distrito financeiro de Manhattan, conhecida como o Occupy Wall Street.

Como expressão do espírito do seu tempo e atividade profundamente vinculada à sociedade, à política, à economia e ao comportamento, o design não poderia ficar imune a esse novo momento global. Uma das questões mais candentes no design hoje é como a atividade vem respondendo ao desejo da coletividade de conquistar o espaço público e tornar as cidades melhores para as pessoas que nela vivem.

São Paulo neste momento é um campo de provas de soluções. A novidade mais evidente nesse cenário está na rápida proliferação dos parklets – ideia nascida em São Francisco, nos Estados Unidos, em 2010, e batizada com uma junção das palavras em inglês que designam o ato de estacionar (“parking”) e os parques (“parks”). Trata-se de ocupar o lugar de vagas para estacionamento de carros nas ruas com uma “sala de estar” pública – na verdade, uma evolução daquele costume de cidades do interior de os moradores colocarem cadeiras na calçada no final da tarde e ficarem conversando, que vinha sendo banido nas grandes cidades, por questões de segurança. A iniciativa chegou em 2013 à cidade e hoje, apenas dois anos depois, já são mais de 20 os parklets instalados.

O desejo de colaborar para a melhoria da vida nas cidades passou a fazer parte do discurso e da prática de nossos designers, e muitos têm trabalhado de forma voluntária, como exercício de cidadania.

Paulo Alves (totem de sinalização) e Pedro Useche (projeto do bicicletário) nada cobraram para colaborar na criação do parque das Corujas, na Vila Beatriz, em São Paulo. A designer gráfica Joana Lira também nada cobrou para fazer a marca do Movimento Boa Praça, cujo objetivo é mobilizar pessoas, empresas, governos e instituições para ocupar e revitalizar espaços públicos em São Paulo. Os integrantes do movimento, de diversas profissões, querem devolver às praças da cidade o seu propósito inicial: o de locais de convívio, lazer, debate e inclusão. Para isso, realizam diversas atividades e projetos, como piqueniques comunitários, palestras, cursos, ações educativas, instalação ou reforma de mobiliário urbano etc.

Se estamos assistindo à emergência dos designers-cidadãos, assistimos também à emergência dos cidadãos-designers. Descontentes com os equipamentos públicos disponíveis em seu entorno, as pessoas estão se reunindo para pressionar o poder público e também propor alternativas. O movimento Bancos com Encosto para Sampa, que reúne mais de 1.600 pessoas no Facebook, advoga que o encosto é imprescindível para propiciar conforto e relaxamento. Um de seus integrantes, o engenheiro Raimundo Nóbrega, projetou uma estrutura de madeira para acoplar a bancos de concreto muito disseminados em São Paulo – uma espécie de manifesto pelo direito a demorar-se no espaço público.

Um dos grupos mais dinâmicos dos novos ativistas urbanos é o que se autodenomina A Batata Precisa de Você, que atua no largo da Batata. Outrora um ponto vital do bairro de Pinheiros, o largo passou por um projeto de reurbanização que o transformou num lugar inóspito e pouco convidativo para a permanência dos cidadãos. Os ativistas desenvolvem uma série de atividades para devolver vida ao local, e designers e artistas têm desempenhado um papel importante nessa construção. A novidade mais recente é a instalação de um banco elaborado por Hugo França a partir de um tronco caído, parte de um programa mais amplo que quer atingir várias regiões da cidade.

Sem abrir mão do aconchego do casulo, essas iniciativas todas ampliam o próprio sentido da palavra “casa”. A cidade é a nossa casa alargada, da qual queremos cuidar para que possamos, todos, ter uma vida melhor.



Sala de estar pública

Nascida em São Francisco, nos EUA, os parklets espalhados por São Paulo são uma resposta do design para o desejo da coletividade de usufruir do espaço público urbano com qualidade. Acima, desenho do parklet paulistano projetado pelo Park(it), que reúne a fábrica de design Contain(it), a ONG Mobilidade Verde e os estúdios de arquitetura Superlimão, H2C e Zoom.